

ENTREVISTA YUVAL NOAH HARARI Historiador

‘JUSTIÇA NÃO É META ALCANÇÁVEL, MAS A PAZ É’

EM CONVERSA COM APRESENTADOR LUCIANO HUCK, FILÓSOFO DIZ QUE ISRAELENSES E PALESTINOS ESTÃO NESTE MOMENTO INCAPAZES DE DIALOGAR, O QUE REDOBRA RESPONSABILIDADE DA COMUNIDADE INTERNACIONAL

LUCIANO HUCK
Especial para O GLOBO

Aos 13 anos, após meu *bar mitzvah*, passei 45 dias colhendo abacates em um *kibutz* em Israel chamado Bror Hayil. Quando meus filhos, que estou criando na tradição judaica, começaram a entender melhor o mundo, visitamos Israel juntos. Uma das nossas primeiras paradas foi o Museu do Holocausto em Jerusalém. Queria que eles compreendessem a perseguição sofrida pelo povo judeu, principalmente durante a primeira metade do século passado, que culminou no extermínio de seis milhões de judeus na Europa. Foi essa tragédia que levou os avós paternos dos meus filhos a fugirem de seus países de origem, chegando ao Brasil para reconstruir suas vidas.

Tenho me esforçado para ensinar aos meus filhos a história do povo judeu e os conflitos no Oriente Médio, sem preguiça intelectual, como sugere o renomado filósofo e professor israelense Yuval Noah Harari.

Nascido em 1976, em Kiryat Ata —próximo a Haifa, ao norte de Tel Aviv—, Yuval é uma das mentes mais brilhantes de nossa era. Com um PhD em História pela Universidade de Oxford e professor na Universidade Hebraica de Jerusalém, ele é autor de best-sellers que redefiniram nossa percepção sobre a história e o futuro da Humanidade. Seus livros, como “Homo sapiens”, “Homo deus” e “21 lições para o século XXI”, venderam milhões de cópias globalmente e foram traduzidos para dezenas de idiomas.

É por isso que hoje trago nossa conversa. Embora eu seja judeu e ele tenha nascido e sido criado em Israel, compartilhamos a crença na coexistência pacífica entre a proteção do povo judeu e do Estado de Israel com a criação de um Estado palestino próspero e livre.

Conheci Harari por acaso, em um hotel no Sul da Itália, quando ambos esperávamos na fila do café da manhã por uma omelete. Desde então, construímos uma ponte de diálogo. Sempre que sinto a necessidade de esclarecer temas complexos, como foi durante a pandemia da Covid, busco sua perspectiva para compartilhar com o público brasileiro. E é exatamente isso que faço agora, compartilhando nas páginas do GLOBO nossa recente conversa.

Com quem estou falando agora? O garoto israelense, filho de Shlomo e Prina, nascido e criado em Haifa? O filósofo e professor que leciona em Tel Aviv? O escritor? O marido de Itzak, que tem família por todo Israel? Imagino os inúmeros sentimentos que se misturaram em sua mente pensativa nas últimas semanas.

Você está conversando com todos eles. Quando a História bate à sua porta, é aí que você mais precisa de perspectiva. E no que aconteceu comigo, e com muitos dos meus amigos e familiares, a História não veio apenas bater à porta: ela quebrou a porta e destruiu a casa. Muitos dos meus amigos e familiares acabaram de passar pelos eventos mais traumáticos de suas vidas, e ainda estão passando. Estou nisso com eles até certo ponto, mas também estou tentando manter uma grande perspectiva histórica e filosófica do que está acontecendo.

Já vou iniciar dizendo que, porque estou pessoalmente envolvido nos eventos, eu não acho que consiga ser objetivo agora. Apresento muito claramente o lado mais israelense do que está acontecendo. Gostaria de apelar às pessoas que queiram ter uma perspectiva mais ampla sobre os acontecimentos, se lerem esta entrevista, que depois leiam uma entrevista com alguém compassivo e conhecedor do que está a acontecer no lado palestino, porque isto é algo que obviamente eu não posso representar, pois não tenho o conhecimento nem a autoridade.

Além da terrível guerra em si, também estamos experimentando uma perigosa guerra de narrativas. E você tem sido uma voz da razão, mesmo em tempos de dor, com pouco espaço para o senso comum e a luz. Diante disso, poderia falar sobre o tempo? O tempo para a dor, o tempo para a paz.

Novamente, começo com um ângulo pessoal. A minha tia e o meu tio vivem numa das comunidades que foram ocupadas e destruídas pelos terroristas do Hamas no dia 7 de outubro. Eles se esconderam dentro das suas casas durante mais de um dia, enquanto os terroristas iam sistematicamente de casa em casa na sua vila e torturavam e executavam pessoas das formas mais horrendas.

O que é impressionante neste ataque não foram apenas as atrocidades que o Hamas cometeu, mas o fato de que pretendiam que tais atrocidades fossem divulgadas, inclusive transportando câmeras e fazendo fotos e vídeos. E você tenta pensar “por quê?”. As pessoas cometem atrocidades em diferentes lugares do mundo, mas geralmente tentam escondê-las. Já o Hamas, na verdade, quis divulgá-las. E a razão é que o Hamas não desejava apenas matar civis. Ele desejava matar qualquer chance de paz. E não apenas agora, mas nas futuras gerações, para realmente espalhar a semente do ódio nas mentes de milhões de pessoas.

Para compreender isso, também é importante compreender o grande contexto geopolítico. Por que agora? Por que no dia 7 de outubro? A razão é que Israel e a Arábia Saudita estavam prestes a assinar um tratado de paz histórico, que deveria normalizar as relações entre Israel e a maior parte do mundo árabe e também reiniciar o processo de paz entre Israel e Palestina, oferecendo algumas concessões imediatas que teriam aliviado o sofrimento dos palestinos com a ocupação israelense. Isso era uma enorme ameaça para o Hamas e para o Irã, que se opunham a qualquer tentativa de paz na região. E foi por isso que o Hamas atacou. É vital compreender isso. Ouço muitas pessoas em diferentes países, no Brasil, nos EUA, na Grã-Bretanha, que falam sobre os direitos dos palestinos e a necessidade de libertar a Palestina. Eu concordo plenamente. Há anos que sou um crítico veemente de Netanyahu, por não ter feito nenhum esforço para chegar a um tratado de paz com os palestinos. Mas o que as pessoas precisam compreender é que o Hamas não pretende fazer nenhum tipo de concessão para que israelenses e palestinos vivam lado a lado. Seu objetivo é destruir todas as possibilidades de paz, agora e no futuro.

Dois erros não fazem um acerto?

Neste momento, israelenses e palestinos estão a sofrer profundamente. Para o israelense médio e também para o palestino médio, a mente está completamente cheia de dor, até a borda. Não resta espaço para simpatizar ou mesmo para reconhecer a dor de outra pessoa. Se você está em Israel e



Na tela. Harari e Huck: “Além da terrível guerra em si, estamos experimentando uma perigosa guerra de narrativas”, diz apresentador



‘Podemos estar à beira do uso de armas nucleares. a prioridade é desescalar, evitar que o conflito se espalhe’

‘As pessoas tentam corrigir o passado. Mas você não pode salvar o passado. O passado se foi’

‘Se depois do Holocausto foi possível alemães e judeus se tornarem aliados, então tudo é possível’

Yuval Noah Harari

tenta falar sobre a dor dos civis palestinos em Gaza, as pessoas te tratam quase como um traidor. E é a mesma coisa se você estiver em Gaza e tentar dizer algo sobre o sofrimento dos israelenses. Psicologicamente, as pessoas sentem tanta dor que é quase inevitável que você só consiga sentir a sua própria dor naquele momento.

Por isso o trabalho de quem é de fora, de gente que mora longe, que talvez não tenha família na região, não vem da região, só vê as notícias ou lê nos jornais, o trabalho dessas pessoas é prestar atenção à complexidade da realidade. Pessoas que não estão pessoalmente imersas neste oceano de dor

não deveriam ser intelectualmente preguiçosas. Não deveriam ser emocionalmente preguiçosas. Escolher um lado desta realidade complexa e pensar “tudo bem, eles são 100% puros, bons e certos e nunca fazem nada de errado, e o outro lado, eles são 100% maus, tudo é por causa deles, eles têm culpa por tudo”: isso é intelectual e emocionalmente preguiçoso e não contribui para a paz. Neste momento, os israelenses e os palestinos estão incapazes, psicologicamente, de manter o espaço para a paz. Quem está de fora é que precisa fazê-lo. Como na maioria dos casos na História, a culpa é partilhada entre ambos os lados. Na maioria dos casos da História, em grandes conflitos, pessoas e nações podem ser vítimas e algozes ao mesmo tempo.

Neste momento, penso que a comunidade internacional está empenhada em tentar ajudar. O Brasil fez uma declaração no Conselho de Segurança da ONU que foi negada pelos EUA, mas acho que todo mundo está tentando ajudar de alguma forma.

Penso que os princípios deveriam ser, antes de mais nada, distinguir claramente entre o Hamas e a população palestina. O Hamas é uma organização terrorista que cometeu atrocidades terríveis e nunca se interessou pela paz, desde o momento em que foi fundado. Cada vez que Israel se aproxima de um acordo de paz, como aconteceu com o processo de Oslo, na década de 1990 e no início de 2000, o Hamas fez tudo ao seu alcance para sabotar. Mas os palestinos, as pessoas, não são o Hamas. Muitos deles apoiam o Hamas, mas ainda assim não é a mesma coisa. Israel tem todo o direito e dever de proteger os seus cidadãos e de desarmar o Hamas. Qualquer pessoa interessada na paz também deveria ser a favor do desarmamento do Hamas, porque,

enquanto o Hamas for uma organização poderosa e armada, não haverá paz. Ao mesmo tempo, deveria ficar muito claro que Israel precisa respeitar os direitos humanos básicos dos civis palestinos e entender que seu objetivo não deve ser apenas o de desarmar o Hamas, mas o de criar condições que permitam aos civis palestinos viver vidas dignas e pacíficas no seu país.

A última vez que conversamos foi durante a pandemia. Falamos sobre ataques à democracia, populismo e a negação corroendo a democracia por dentro, como cupins devorando a madeira. Qual é a responsabilidade do populismo de Netanyahu pelo que está acontecendo hoje em Israel?

Netanyahu e o seu governo, claro, não são culpados pelo ataque do Hamas. Mas eles partilham uma enorme responsabilidade pela atual disfunção do Estado israelense. Não apenas as forças de segurança, mas muitas outras instituições governamentais não estão funcionando bem. Netanyahu construiu sua carreira política dividindo a nação contra si mesma. Ele atacou e enfraqueceu toda instituição, inclusive estatal e militar, que pudesse se opor às suas políticas. Ele atacou as elites do funcionalismo do país como profundas traidoras do Estado e nomeou sistematicamente pessoas para cargos-chave com base apenas na lealdade política, independentemente das suas qualificações. E é como você descreve, como se cupins comessem o Estado por dentro. Este é um alerta para todas as democracias do mundo. Ao eleger esse tipo de populista como seus líderes, em tempos de crise, como na Covid ou como agora nesta guerra, pagarão um preço muito, muito alto.

Netanyahu está experimentando sua primeira grande crise. Nos últimos anos, ele deixou tudo em